



Universidade de Brasília- UnB

Instituto de letras - IL

A VIVÊNCIA DE UMA SURDA BISSEXUAL: um estudo de caso

**ÁDHYA ALVES MOURA DE
MELO**

Brasília

2019

**ÁDHYA ALVES MOURA DE
MELO**

A VIVÊNCIA DE UMA SURDA BISSEXUAL: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada à Banca Examinadora, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português pela Universidade de Brasília, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar.

Brasília

2019

A VIVÊNCIA DE UMA SURDA BISSEXUAL: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada à Banca Examinadora, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras pela Universidade de Brasília, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edelce Aparecida Santos Buzar.

Prof.^a Dr.^a Edelce Aparecida Santos Buzar (Orientadora – UnB/FE)

Prof. Me. Amarildo João Espindola (UnB/LIP)

Prof.^a Me. Fabrício Santos Dias de Abreu (SEED/DF)

AGRADECIMENTOS

Sou grata pelos lindos quatro anos que a UnB me proporcionou, onde precisei enfrentar desafios novos para me tornar a pessoa que sou hoje. Obrigada, Florianópolis, pelo semestre de aprendizado, mesmo com as dificuldades que enfrentei, foi de extrema importância para minha formação na área que escolhi.

Agradeço aos meus pais que não mediram esforços para me proporcionar uma graduação de excelência, sempre preocupados em saber sobre minha vida acadêmica e me incentivando a nunca parar de estudar, sempre procurando a evoluir.

Obrigada, vovó Selma, por ser meu exemplo de força e vontade, não tenho palavras para agradecer a sua importância na minha vida. Tenho orgulho de ser a primeira neta da família Melo, a formar em uma universidade e o meu desejo era que a senhora estivesse presente. Espero que eu tenha conseguido deixar você orgulhosa e meu objetivo é nunca parar de honrar seu nome.

Gratidão aos meus amigos, Bruna Tassy, Vitor Maia, Júlia Beatriz, Nathália Marçal, Matheus Brito, Thais Lucena, Isadora Hanna, Guilherme Horovitz e Gabriel Teles que estão comigo há tanto tempo e sempre me deram todo apoio emocional que precisei.

Agradeço à Giovana Baliza, que costumo dizer que foi o melhor presente da UnB e que se não fosse por ela, a UnB não teria tanta graça assim. Obrigada, Gabriel Pedro, pela paciência e companheirismo desde sempre, foi lindo dividir essa jornada com você. Thalita, minha irmã de coração, nunca me deixou desamparada, sempre muito presente, sempre me apoiando em tudo. Eu não sei como agradecer o Matheus, meu irmão que a vida me deu, nascemos de mães diferentes, mas somos irmãos de alma. Costumo dizer que nossa amizade não é dessa vida e cada dia que passa eu tenho certeza disso.

Por último, mas não menos importante, obrigada, professora Edeilce, por ter adotado essa aluna frustrada do curso de Letras, mas que achou seu lugar no Labes-Libras. Amo sua história e sua garra e desejo ser uma professora tão feliz com a profissão quanto você, uma mulher que nunca para, mesmo nas férias e isso é o resultado de ser uma professora de conceito.

Agradeço às meninas da Pedagogia que tiveram empatia em me receber, principalmente a Ana Paula, que nesse um ano virou uma amiga para vida. Sua amizade me proporcionou tantas risadas e tantos conhecimentos. Obrigada, Labes-Libras.

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender, numa perspectiva sociocultural, a vivência de uma pessoa surda bissexual. Nesse sentido, discutimos a respeito dos empecilhos que as pessoas surdas têm em problematizar o assunto voltado para questões homoafetivas, numa sociedade com padrão ouvinte e heteronormativa. Para tanto, buscamos compreender a constituição dos movimentos sociais em relação à questão de gênero, assim como, as características relacionadas aos papéis de gênero e as relações de poder que as envolvem. Na mesma direção, adentramos nos estudos sobre homossexualidade e especificamente sobre homossexualidade e surdez, a fim de aprofundar a questão. Com base nesses estudos de uma forma histórico-social, com definições, o trabalho abrange teorias sobre o gênero, sexualidade e de qual maneira isso se dá na vida dos surdos. Realizamos a pesquisa de forma qualitativa por meio de um estudo de caso de uma mulher surda bissexual, falante da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no qual foi realizada uma entrevista semi-estruturada. Os resultados trazem várias questões a serem discutidas, como a importância das associações de surdos e como elas servem de resistência a eles, é por isso a melhor forma desse assunto deixar de ser marginalizado, pois a temática LGBT e surdez precisa fazer parte da pauta dentro das associações, tanto para surdos, quanto para LGBT, e para isso, a barreira linguística e cultural precisa ser quebrada, visto ser um dos principais empecilhos.

Palavras – chaves: gênero; bissexualidade, surdez

ABSTRACT

This research sought to understand, from a sociocultural perspective, the experience of a Bisexual deaf person. In this sense, we discuss about the obstacles that deaf people have in problematizing the issue focused on homosexual affairs, in a society with a listening and heteronormative pattern. Therefore, we seek to understand the constitution of social movements regarding gender issues, as well as the characteristics related to gender roles and the power relations that surround them. In the same vein, we have gone into studies on homosexuality and specifically on homosexuality and deafness in order to deepen the issue. Based on these studies in a historical-social way, with definitions, the work covers theories about gender, sexuality and how this happens in the life of the deaf.

We conducted the research qualitatively through a case study of a bisexual deaf woman, speaking the Brazilian Sign Language (Libras) in which a semi-structured interview was conducted. The findings raise a number of issues to discuss, such as the importance of deaf associations and how they assist them, so this is the best way this issue is no longer marginalized, as LGBT and deafness issues need to be part of the agenda within associations for both the deaf and LGBT, and for this, the language and cultural barrier must be broken, as it is one of the main obstacles.

Keywords: gender; bisexuality, deafness

LISTA DE ABREVIações

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

PAS - Programa de avaliação seriada

LGBT- Lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais

USP – Universidade de São Paulo

ENEM- Exame Nacional do Ensino médio

SS – Menção Superior

UnB- Universidade de Brasília

Labes-Libras- Laboratório de Educação de Surdos e Libras

ESCS- Escola Superior de Ciências da Saúde

MS- Menção Média Superior

TCC- Trabalho de conclusão de Curso

IL- Instituto de Letras

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	11
PARTE II	17
INTRODUÇÃO.....	18
1. Trajetória de Gênero	19
2. Sexualidade	27
3. Metodologia.....	34
4. Resultados e Discussões.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE.....	50
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	52

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Para começar este memorial, queria deixar registrado que eu não tinha vontade de fazê-lo, até ver minhas colegas apresentando e percebi a importância da banca conhecer minha história de vida. Me chamo Ádhyā, tenho 23 anos, morei até meus seis anos no Guará e depois me mudei para Águas Claras, onde moro até hoje.

Lembro que minha primeira escola era ao lado da minha casa, lá no Guará, tinha 4 anos e já tinha o pensamento forte e odiava ir para essa escola. Minha mãe nunca entendeu o motivo, mas eu sempre chorava quando ia para essa escola. Então, minha mãe me tirou e fui para o “Pequeno Sol” e pelo que eu me lembro, eu amava a escola. Lembro que meu pai fez uma festa do meu aniversário e levou Mc Donalds para todo mundo, foi um dia que eu não esqueço. Fiquei só um 1 ano e meio no “Pequeno sol” e depois fui para escola classe 05 do Guará, fiquei 1 ano e não me recordo muito da escola, não me marcou.

Finalmente no fundamental I, fui para escola classe 114 sul. Na primeira série tive uma professora chamada Jaqueline, lembro-me de como ela era brava e como eu tinha medo dela. Porém, foi com ela que eu comecei a ler. Não me lembro se eu gostava de ler, estudar, mas acredito que eu ainda não tinha me interessado pelos estudos. A questão da amizade era difícil para mim, eu não conseguia fazer amigos no primeiro ano de escola, fiquei excluída por um ano. Na 2ª série conheci minha amiga Ana Carolina, foi quando eu consegui fazer mais amizade. Me lembro até hoje da professora da 2ª série, me recordo muito dos presentes do dia do pai e do dia das mães, mas foi só assim que ela me marcou.

A 3ª série foi o meu primeiro contato com a Libras. Tinha duas professoras e elas ficavam revezando quem ia interpretar e quem ia falar. Tinha uma aula de Libras com uma professora surda uma vez na semana. Não me lembro do nome dela, mas me lembro do seu rosto. Eu esperava ansiosamente por essa aula. Eu sempre prestava atenção mais na professora sinalizando do que na professora que falava, eu tinha muita facilidade em Libras, eu era a ouvinte que mais sabia na sala, até porque eu voltava de metrô com meus amigos surdos. Por consequência disso, eu era fluente com 9 anos.

Na 4ª série também tive duas professoras com a mesma dinâmica relatada anteriormente, mas tive muita dificuldade com as disciplinas, a professora não gostava de mim e era nítido, escutei várias vezes que eu iria reprovar. Ainda tinha aula com a professora surda e ainda era minha aula preferida. A minha amizade com os surdos ficou mais forte nesse ano, até que no meio do ano, minha mãe conseguiu uma vaga no colégio militar. Eu nem tive a oportunidade de me despedir dos meus amigos, chorei as férias todas só de lembrar que iria para um colégio novo e

que iria passar pelo mesmos problemas de amizade e que não iria ter mais aulas de Libras.

Cheguei no Colégio Militar Dom Pedro II no meio do ano. As crianças já tinham seus grupos de amizade e eu fiquei, para variar, sozinha durante os seis meses que ainda faltava para completar o ano. Minha mãe achou que eu iria reprovar, já que minhas notas na 114 sul estavam péssimas e a professora não deixava ela esquecer que eu iria reprovar. Mas me vi diante de um desafio muito grande e me dediquei muito, além de ter uma excelente professora, Jaqueline, me lembro dela como uma heroína. No 3º e 4º bimestre, minhas notas não foram menos que 8, foi quando minha mãe percebeu a importância de uma professora que confiasse no aluno. Lembro até hoje da professora parando na minha frente, na hora da prova para falar: Você é capaz.

Durante esses dois bimestres, eu senti muita a falta de Libras, tentava treinar em casa para não perder. Eu queria continuar encontrando meus amigos no metrô para continuar com a fluência em Libras, mas eles estudavam de manhã e eu a tarde, nossos horários no metrô não “batiam”. Então eu fui deixando de parar de treinar em casa e aos poucos fui esquecendo toda a língua.

No colégio militar as meninas precisavam amarrar o cabelo e na 4º série eu ainda não conseguia fazer o “rabo de cavalo”, então minha mãe cortou meu cabelo bem curto, tipo Joãozinho. Sofri muito bullying, principalmente por parte dos meninos. Foi algo que me traumatizou ao ponto de sempre ter medo de cortar o cabelo e ficar curto demais e acabar sofrendo isso de novo.

No 6º ano tudo mudou no colégio, agora eu tinha que usar farda e via uma grande responsabilidade nisso, eu já estava me sentindo mais adulta. Nesse ano eu fiz várias amizades que até deixei a questão do cabelo de lado, mas sempre vinha uma criança me provocar. Por ter feito várias amizades, eu acabei não me dedicando de novo aos estudos e surgiu a minha dificuldade em Matemática. A professora Benilva sempre me ajudou muito, tinha paciência para me ajudar nas provas e até me dar apoio emocional, já que em todas as provas de Matemática eu chorava muito. No final do ano, eu tinha conseguido ser aprovada em Matemática com muito esforço.

No 7º ano meu cabelo já estava grande de novo e minha autoestima já estava melhor. Eu tive uma leve dificuldade em Matemática, mas não como no 6º ano. Foi um ano tranquilo em relação às notas. No 8º ano, fiz minha primeira recuperação final em Matemática, foi desesperador e achei que nunca iria conseguir passar. No final, deu tudo certo e fui para o 9º ano.

O 9º ano tinha um ar de despedida, era o último ano do fundamental, então a fase adolescente estava bem próxima. O estudo era muito mais importante nesse ano, porque no final do 4º bimestre, nós iríamos para a viagem de formatura. A viagem era para *HopiHari*, Paraty e Angra dos Reis. Claro que meu objetivo era passar de ano, mas estudava para poder ir para viagem. Conheci meus melhores amigos nesse ano, Thalita e Matheus, que são meus melhores

amigos até hoje. No fim das contas, eu acabei ficando de recuperação em Português, fui aprovada e pude ir para viagem. Apesar de ter ficado de recuperação em Português, foi a primeira vez que veio a vontade de ser professora e ainda ser de português, porém meus pais acabaram com essa vontade e colocando na minha cabeça que eu tinha que fazer Medicina.

No final do 9º ano, minha avó materna descobriu um câncer no intestino, foi um “baque” muito forte para mim, já que minha avó me criou até meus 7 anos, enquanto minha mãe e meu pai trabalhavam. Mas como ainda não tinha noção do que era isso, não fiquei preocupada em pensar na morte dela, tomei um susto, mas sabia que ela iria sair viva daquela situação.

O 1º ano do ensino médio foi, de certa forma, um ano sabático. Eu achei que só prestando atenção nas aulas eu iria ser aprovada, como foi no fundamental todo. Além de não estudar, eu tive meu primeiro namorado, ele era mais velho, ou seja, era repetente. Foquei muito mais no namoro e acabei reprovando. Na hora que recebi a notícia, eu fiquei normal, não estava muito preocupada. Até começar o ano de novo.

Para minha sorte, ou azar da Thalita, ela também reprovou, então, foi menos traumatizante. Mas ver meus amigos indo, principalmente o Matheus, foi horrível, achei que ia ficar sem amigos de novo e que ia ser aquela solidão. Porém, para minha surpresa, eu me adaptei muito bem à turma nova. Conheci o meu professor preferido de Matemática, o Cristiano, que é meu amigo até hoje. Foi um professor tão importante para minha formação, sou imensamente grata pela paciência que ele teve comigo, pois meus choros na hora da prova ainda continuavam. Pelo fato de ter reprovado, o colégio começou um acompanhamento psicológico comigo e por isso, podia fazer as provas separada dos outros alunos. Fiz meus outros melhores amigos, Bruna, Brito, Thais e Isadora. Apesar de ter reprovado, foi um ano muito especial, pelas amizades e pelo amadurecimento. A turma foi muito unida e isso me ajudou a superar a reprovação.

No 2º ano do ensino médio eu e meus amigos ficamos na mesma sala, foi um ano que eu não precisei estudar muito e ainda estava com meus amigos. As disciplinas eram mais fáceis, a Thais era alamar¹ então sempre ajudava o grupo todo a estudar. Foi um ano que teve muito trabalho em grupo, mas não era seminário, era apresentações artísticas, por exemplo quando fizemos um circo para apresentar na feira cultural ou um sarau em literatura.

O 3º ano do ensino médio foi o melhor ano da minha vida. Como era a turma mais antiga, o terceiro ano tinha muitas regalias, como desfilar no 7 de setembro, ter prioridades nas formaturas militares, conhecemos alguns quarteis do bombeiro. Erámos os principais nas olimpíadas de esporte da escola. Era um clássico terceiro ano contra o segundo ano, era como Fla-Flu. Era o ano

¹O Alamar é entregue aos alunos que se destacaram ao receberem média igual ou superior a 8,0 em todas as disciplinas

do famoso baile de formatura, o ano da formatura sem ordem ²de comando no ginásio Nilson Nelson. A formatura sem ordem de comando era nossa colação, fazíamos uma apresentação militar e não vestíamos a beca e sim a túnica, a roupa de gala do militarismo.

Então foi um ano de muita festa, mas também de muita tristeza e indecisão. Eu não sabia o que escolher no vestibular e no Programa de avaliação seriada (PAS). A Thalita tinha escolhido enfermagem e eu sem curso, fui seguir minha melhor amiga, então, decidi fazer Enfermagem também. Um dia antes do vestibular, minha avó, que estava com câncer desde o meu 9^o ano, faleceu. Eu tive que fazer a prova com toda essa questão emocional e claro que eu não consegui ser aprovada. Segui o terceiro ano e quando chegou minha colação, senti muita a falta dela. Eu sempre achei que minha avó estaria comigo nos dias mais importantes da minha vida.

No final do terceiro ano, fiz a prova do PAS, ENEM e ESCS e marquei Enfermagem. Para variar, não passei em nenhuma das três provas. Foi frustrante saber que eu teria que fazer cursinho.

Então, em 2015 comecei a fazer cursinho no EXATAS. Minha sorte foi ter encontrado meus colegas do Dom Pedro e não fiquei tão sozinha. Esse semestre foi muito estressante, era pressão por parte dos meus pais e por minha parte também. Com um mês de aula, eu percebi que eu não era da área de Enfermagem, eu não entendia Química e nem Física. Foi então que me apaixonei pelas aulas de Gramática e Literatura, aquele velho amor do 9^o ano voltou. Então estava decidido que tentaria vestibular para Letras-Português. Comecei um relacionamento novo e na maioria das vezes me ajudava muito na pressão do cursinho, mas as brigas também me atrapalhavam muito. No dia da prova a gente terminou e eu pensei que, de novo não iria passar por questões emocionais.

No dia do resultado, eu fiquei o dia todo chorando e morrendo de ansiedade. Quando saiu o resultado, eu não consegui conter a emoção e fiquei tão aliviada em ter sido aprovada e finalmente falar que era estudante da UnB.

Meu primeiro semestre foi difícil, ainda não tinha entendido a dinâmica da faculdade, mas consegui passar em tudo com SS e MS.

No terceiro semestre tive a oportunidade de fazer Libras básico. As aulas começaram no meio do semestre porque o professor demorou para ser chamado. Eu finalmente tinha me encontrado no curso, pois até então, eu gostava, mas não tinha emoção. Queria me dedicar mais para Libras. Então no quarto semestre, eu fiz Libras intermediário. E fiquei sabendo que era possível estudar em outra universidade federal, queria aprofundar meus estudos na Libras. Minha

²A **ordem unida sem comando** é uma formação habitual de marcha, de parada ou de reunião dos componentes de uma tropa, que observa as distâncias e os intervalos estabelecidos. Ao conjunto harmonioso, cadenciado e equilibrado dos movimentos de marcha sem voz de comando, dá-se o nome de ordem unida sem comando.

vontade era a Universidade de São Pulo (USP), mas ela era estadual e não entrava no programa. Conversei com minha coordenadora e ela me disse que o melhor curso de Libras ficava em Florianópolis.

Então comecei a organizar os documentos para poder ir no sexto semestre para Floripa, enviei uma carta e um mês depois fui aceita. No primeiro semestre de 2018 me mudei para Florianópolis. Tive um semestre com professores maravilhosos, tenho muita gratidão pela professora Aline Pizzio, com quem tive a disciplina “Aquisição da linguagem”. Além da professora, fiz muitos amigos surdos e isso me ajudou a aprender mais, pois todos os dias tinha contato com a língua. Apesar de ter amado a faculdade, eu não me adaptei muito bem a cidade, era muito diferente de Brasília. Comecei a ter depressão e só não fiquei no “fundo do poço” porque meus amigos não deixaram.

Decidir voltar pra Brasília no fim do semestre e precisava achar um professor de Libras para me ajudar com projetos na área e até mesmo com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Não consegui o contato de nenhum professor do IL. Foi quando uma amiga minha, que tinha feito uma disciplina na faculdade de educação sobre surdos, me indicou a professora Edeilce, me disse como ela era dedicada nessa área e que ela podia me colocar em algum projeto. Fui atrás da professora e tentei participar do projeto 3, mas não consegui por não ser estudante de Pedagogia. A professora coordena um laboratório de escolarização de surdos e Libras na Faculdade de Educação (Labes-Libras). Então fiquei na monitoria desse laboratório e depois me tornei monitora do I Seminário do Labes-Libras.

Estava no 7º semestre e precisava decidir o que fazer em relação ao TCC. No meu curso eu posso fazer o que me interessar, um artigo, uma monografia e não preciso apresentar. Mas me apaixonei pelo Labes e pela professora Edeilce e perguntei se ela tinha interesse em me orientar, ela aceitou, mas avisou logo que eu teria que fazer uma monografia e que precisaria apresentar. Eu não hesitei e concordei, porque eu não queria fazer qualquer coisa para formar, eu queria representar a área que eu gosto com um trabalho digno.

Quando fomos escolher o assunto, eu comecei a pensar no que eu queria que tivesse visibilidade e logo pensei no assunto Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (LGBT) e surdos. A comunidade LGBT sempre vou presente na minha vida, pois a maioria dos meus amigos são gays, lésbicas e bissexuais, mesmo sendo hétero, me via parte da comunidade. Pesquisei trabalho da área e só encontrei o trabalho do professor Fabrício Santos Dias de Abreu³, vi então a necessidade de uma pesquisa que essa área precisava.

Apresentei meu assunto para a professora e mesmo não sendo da área dela, ela não hesitou

³Mestrado com o título “Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais”

em concordar com o tema e me ajudar. Durante o processo, fomos afinando o tema e chegamos à conclusão que seria sobre mulheres surdas LGBT, pelo fato do triplo preconceito. Tivemos muitas dificuldades para encontrar um sujeito para a pesquisa, por isso virou um estudo de caso. Isso confirma o preconceito que o indivíduo tem com ele mesmo, pois recusaram entrevistas com a justificativa que estavam indo para a igreja e que não queriam saber de serem lésbicas mais.

Então, para terminar esse memorial, digo-lhes que, juntei meus dois mundos nessa monografia. Fico imensamente realizada em ter escolhido esse tema e serei eternamente grata à professora Edeilce que embarcou comigo nessa. Esse trabalho é para os meus amigos LGBT que **morrem** todos os dias e para meus amigos surdos que **lutam** muito nesse mundo ouvinte.

PARTE II

INTRODUÇÃO

Quando me vi participar de duas comunidades silenciadas historicamente, a LGBT e a surda, senti a necessidade de fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso abrangendo os dois grupos. Sabemos que a pessoa LGBT enfrenta inúmeros sofrimentos na sociedade, assim como sabemos que o sujeito surdo sofre por ser surdo e o que acontece quando o indivíduo é surdo e LGBT?

Para compreender melhor a questão, inicialmente nos debruçaremos na fundamentação teórica sobre as lutas libertárias dos anos 60 e os estudos sobre gênero dos anos 90. Nesse âmbito, trabalharemos com temáticas relacionadas aos papéis de gênero, identidades de gênero e as questões relacionadas ao poder e gênero. A partir desses conceitos, começaremos a compreender algumas variáveis da identidade do sujeito.

No próximo capítulo, exploraremos a respeito da sexualidade, no qual tentaremos conceituar o que seria a homossexualidade, os tipos, a problemática “normal x anormal”, a sexualidade como um fator natural, a religião e como funciona essa questão para a comunidade surda.

Compreenderemos como a sexualidade se expressa em uma pessoa surda, que fazem parte de uma minoria que normalmente não problematizam o assunto sexualidade dentro da sua comunidade.

Para tanto, faremos uma pesquisa qualitativa e adotaremos como meio de abordagem um Estudo de Caso, que se concretizará através de uma entrevista semi-estruturada, considerando que o intuito desta pesquisa é investigar as narrativas de uma pessoa surda sobre sua experiência em relação a bissexualidade e a surdez

Trajectoria do Gênero

Apesar das mulheres fazerem parte da humanidade desde os primórdios, o termo feminista é muito recente. A partir dos séculos XVIII e XIX, o termo feminista ganha mais notoriedade, quando ocorre a Revolução Francesa⁴ e Americana⁵ e o surgimento das ciências humanas. É de extrema importância conhecer a história do feminismo para que haja a compreensão do estudo de gênero.

Para Gomáriz (1992), o feminismo surge no marco do liberalismo e o Estado moderno, com a formulação das nações de Direitos Universais. Nesse momento, as mulheres têm a oportunidade de participar de lutas sociais, mas os direitos precisam ser conquistados ainda.

Essa é uma longa travada no seio da Revolução Francesa, de um lado, e da Revolução Americana, de outro. Os ideológicos da Revolução Francesa discutiam, de forma ambígua, a respeito da condição da mulher, Rousseau e Montesquieu eram manifestantes contrários a que as mulheres tivessem direitos iguais aos homens. Pouco ou nada se fala nos textos históricos tradicionais a respeito da participação das mulheres como ativistas revolucionárias. (GONÇALES, 1996. P. 44)

Como está escrito na citação, na Revolução Francesa, havia grupos contrários aos direitos das mulheres, nada ou quase nada, se fala nos textos históricos sobre mulheres e sua participação. Porém, de acordo com Dante (2012), Olympe de Gouges, foi uma figura feminina, que escreveu e publicou “*A declaração dos direitos da mulher e da cidadã*” (França, 1791), com o intuito de responder à Declaração dos Direitos do homem e do cidadão de 1789. Além dessa declaração, a feminista escreveu peças teatrais, panfletos e cartazes em oposição aos abusos ao regime absolutista da época. Por ter esse posicionamento em favor das mulheres, dos escravos e dos filhos ilegítimos, ela foi classificada como perigosa. Portanto, ela foi presa e condenada à guilhotina pelo Tribunal Revolucionário em 1793.

A esse respeito, seria interessante sublinhar que, para muitas francesas, o próprio

⁴Revolução Francesa foi um período de intensa agitação política e social na França, que teve um impacto duradouro na história do país e, mais amplamente, em todo o continente europeu. A monarquia absolutista que tinha governado a nação durante séculos entrou em colapso em apenas três anos.

⁵A Revolução Americana é também conhecida como a independência dos Estados Unidos e foi declarada em 4 de julho de 1776. Com esse processo, houve a separação das Treze Colônias da América do Norte do vínculo colonial que existia desde meados do século XVII e a transformação dos Estados Unidos em uma nação independente, com um sistema republicano e federalista. Apesar de ter baseado-se nos ideais iluministas, que pregavam ideais de liberdade e de igualdade de direitos, a independência dos Estados Unidos foi realizada pela elite colonial e visava à garantia dos interesses e privilégios dessa classe. Ela serviu de inspiração para outros movimentos semelhantes na América.

sexo não se inscreve puramente no terreno biológico, mas sofre uma elaboração social, que se pode negligenciar sob pena de naturalizar processos de caráter histórico. Eis porque cabe atentar para o processo de naturalização do significativo elemento da dominação-exploração exercida pelos homens sobre as mulheres, cuja intensidade varia de sociedade para sociedade e de época para época. (SAFFIOTI, 1992, p. 183)

A grande Revolução Francesa serviu como abertura para as próximas lutas até os dias atuais. Na década de 60 não foi diferente, apesar do fracasso no que se diz respeito à luta feminina, a Revolução Francesa serviu como exemplo a se seguir por outras mulheres que não aceitavam a derrota. Visto que, mesmo lutando, mais particularmente nos movimentos sociais de 1968: as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos da América (EUA), a luta contra a ditadura militar no Brasil, as mulheres perceberam a desigualdade dentro do seu grupo de militância, ocupando lugares menos nobres como faxina e secretária. Nesse período, surgiram outras lutas de diversos grupos sociais que tinham o mesmo objetivo: Liberdade. 1968 se tornou um marco da rebeldia e contestação.

Durante todo século XIX, foram sendo desenvolvidos as teorias que viriam a ser expressão das ciências naturais e sociais que até hoje prevalecem. O positivismo de Comte e as teorias evolucionistas de Darwin e Spencer não contribuíram muito para a argumentação acerca das diferenças sexuais, enfatizando a inferioridade da mulher, argumento que encontra adesão de muitos ainda nos dias de hoje. O mito da inferioridade da mulher percorreu uma longa e dura trajetória. (GONÇALVES, 1996. p. 45)

Referir-se à essa época é assimilar as insatisfações e os protestos que o mundo estava gerando há algum tempo. Aqui no Brasil se passava a Ditadura militar⁶, os movimentos então buscavam a qualidade de vida, pensar assim serviu como vanguarda para outros movimentos libertários, onde se destaca o aparecimento da problemática de gênero.

O assunto sexualidade está relacionada a essas lutas, a pílula anticoncepcional é criada, é questionada a virgindade da mulher como um prêmio para o homem após casamento, são exemplos de como o machismo pode influenciar nas questões sociais. As justificativas são científicas e machistas: cérebro da mulher menor que do homem, ossos menores, os hormônios e etc. justificativas falhas de um preconceito enrustido.

Foucault dizia que um crepúsculo teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana, ou seja, a sociedade esconde a sexualidade, vira um assunto encerrado. “Muda-se para dentro de casa” dizia Foucault (2003, p.9). A sexualidade agora era absorvida inteiramente na questão da reprodução, o casal legítimo era considerado procriador e o estéril recebia o status de anormal e deveria pagar as penas por isso. Para Foucault o sexo não era

⁶Ditadura Militar do Brasil refere-se ao regime instaurado em 1 de abril de 1964 e que durou até 15 de março de 1985, sob comando de sucessivos governos militares. De caráter autoritário e nacionalista, teve início com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart, o então presidente democraticamente eleito

segredo, as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram exageradamente sem disfarce.

O gênero entra nessa questão quando lembramos que para o homem o sexo sempre foi prazer, mulheres são mutiladas em algumas culturas até hoje para que não haja prazer por parte feminina. “ O ritual da circuncisão é uma forma de estar, um ritual de passagem à vida adulta, algo muito antigo em termos culturais” (Testemunho da matriarca de uma aldeia no Quênia apud OLIVEIRA, 2012.p. 2). A mutilação vai além de não sentir prazer, mulheres são mutiladas para que sejam preparadas para uma vida baseada em encontrar um marido. A cultura dissemina que seja feito esse procedimento para que as mulheres sejam respeitadas, caso contrário, serão discriminadas. A nosso ver, a mutilação é pura misoginia, se fosse feito em homem, não existiria. Pedro (2010) afirma que a luta das mulheres é diária é difícil, pois conquistar seu lugar numa sociedade que possui resistência aos novos conceitos de gênero é uma tarefa muito difícil.

Mulheres que lutam pela causa feminista e que reivindicam na cena pública e colocam em pauta a necessidade da discussão de gênero, possibilitam avanços nesse sentido. Um grande avanço é, sem dúvida, a construção e afirmação do próprio conceito de gênero.

A partir do momento em que o conceito de gênero passa a ser constatado, é possível verificar com discriminações relativas a gênero, que, até então eram vistas com naturalidade para a maior parte das sociedades e, através dessa naturalização, cada sociedade emprega seus conceitos de comportamentos considerados adequados às mulheres. Na maior parte delas, a mulher deve apresentar características como sensibilidade, protetora da prole e do lar, procriadora dentre outras que revelam o sexo frágil. Ao contrário, aos homens são exigidas características como a de responsável por solucionar problemas, provedor do lar e o insensível. Não é permitido que o homem revele suas emoções ou que demonstre qualquer tipo de sensibilidade. (PEDRO, 2010. P. 04)

A história da homossexualidade é mais antiga do que imaginamos, é hipocrisia da sociedade atual tentar tratar como um pecado algo que existia antes de Cristo. A epidemia da AIDS provocou a população a pensar que a doença estava associada apenas à praticas homossexuais, dando a entender que a prática gay era nova. Entretanto, povos antigos, como os gregos e romanos, encaravam a homossexualidade como uma prática comum.

De acordo com alguns autores, pode se pensar que além de encarar como normalidade, esses povos acreditavam em uma evolução da sexualidade. O termo pederastia era utilizado para descrever a relação homoerótica⁷. Dieter (2011) afirma que na Grécia, essa prática era entendida como um desenvolvimento dos adolescentes, na questão da sua masculinidade, por isso os

⁷ A relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o erastes (amante), por um jovem a quem chamavam eromenos (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado paiderastia (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do erastes ao eromenos. O que para nós pode parecer anormal, para os gregos era o paradigma da educação masculina, a paidéia (educação) que somente se realizava pela paiderastia.(CORINO, 2006. P. 22)

meninos mais velhos de famílias nobres eram encaminhados para receber cuidados de um mestre, um homem mais velho e sábio. Esse homem sábio tinha o objetivo de ensinar sobre a vida pública, porém, os jovens serviam como “mulheres” para esse mestre. O termo “mulher” é extremamente errado, ao dizer isso logo se pensa em que é submisso da relação, além de que, atualmente, o certo seria “relação gay”, visto que esse é o termo correto para relação entre dois homens.

De qualquer modo, as diferentes opiniões sobre a homossexualidade e a pederastia que são formuladas de tempos em tempos por vários escritores, principalmente estrangeiros (não gregos), os quais tentam apresentar a Grécia antiga como o paraíso da homossexualidade e os gregos como tendo uma atração natural pelo próprio sexo – não constituem nada mais que a mera expressão de seus próprios anseios! (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101).

Em Esparta não era diferente, a relação homossexual era estimulada até pelas forças militares, que acreditam que os soldados gays tinham mais bravura do que os soldados heterossexuais, pois lutavam pela pátria e pelos amados que os acompanhavam na guerra. Dieter (2011) declara que na época, a heterossexualidade não recebia importância, por estar associada à procriação.

A homoafetividade no Brasil também não é recente, tribos indígenas tinham a mesma cultura. Algumas tribos eram diferentes de outra, essa diferença podia ser religiosa ou cultural. Essas práticas foram perseguidas quando a Coroa chegou ao Brasil, com suas crenças cristãs e começou a perseguição aos homossexuais no país e as punições eram totalmente desumanas.

No próximo capítulo, aprofundaremos a questão da homossexualidade, como a definição, os tipos e etc.

A construção do gênero no indivíduo é um assunto que ganhou visibilidade nos dias atuais. A identidade de gênero é complexa, é a construção individual do ser, especificamente falando do sentimento individual de identidade. O psiquiatra, Robert Stoller (1978), explica que a criança aprende a ser menino ou menina até seus 3 anos, onde se passar pelo complexo de Édipo e pela aquisição da linguagem

Stoller acreditava que há um núcleo de identidade de gênero, são convicções que são socialmente masculinas ou femininas. O núcleo não se modifica ao longo da vida, mas há como associar mais papéis a essas convicções. De fato, essas convicções não podem ser alteradas com o tempo, nascemos com esse núcleo de identidade formado, mas algumas vezes o corpo não corresponde a identidade que temos, mesmo se levarmos em conta que a identidade de gênero se constrói a partir do momento que se rotula uma criança como menina ou menino. Se consideramos que a criança recebe influência antes mesmo de nascer, nas conversas que os pais têm com a

criança na barriga ou quando se prepara o quarto de acordo com o gênero da criança. O comportamento que se espera de um bebê do sexo feminino, por exemplo, é gostar de rosa, de boneca e brincar com coisas que são socialmente criadas para meninas gostarem.

A partir desta nomeação, a menina é “feminizada” e, com isso, inserida nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação de seu sexo. Entretanto, essa “feminização” da menina não adquire uma significação estável e permanente. Ao contrário, essa interpelação terá que ser reiterada através do tempo com o intuito de reforçar esse efeito naturalizante. Certamente seria estranho, diante da imagem de um bebê numa ultra-sonografia, afirmar que “se trata de uma lésbica”. Como este enunciado não faz parte de nossa inteligibilidade cultural, ele serve antes de tudo para demonstrar de maneira muito precisa como o ato de nomear é, ao mesmo tempo, a repetição de uma norma e o estabelecimento de uma fronteira. (ARÁN, Márcia. PEIXOTO, Carlos, 2007, p. 134)

De acordo com Stoller, se essa rotulação inicial não funcionar é quase impossível mudar depois dos três anos. Mas, atualmente, há casos de crianças que percebem desde cedo que seu gênero não é o mesmo do sexo morfológico, alguns pais conseguem fazer a mudança no início, para que a criança não enfrente a puberdade feminina ou masculina. Mas há caso de pessoas que assumem seu gênero depois de adulto, é possui várias explicações para justificar o motivo desse atraso: sociedade patriarcal, intolerância de gênero e religião.

A Sociedade patriarcal é o poder do homem e a mulher sendo subordinada.

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos. A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (NARVAZ, Martha. KOLLER, Sílvia, 2006, p. 50)

É uma estrutura de poder, de território sobre os corpos, a sexualidade e as condutas sexuais dos gêneros que não sejam o masculino. Esse poder abrange várias áreas, como o mercado de trabalho e a política. O Brasil com seu histórico machista, homofóbico e religioso, nega a diversidade de gênero e de opções sexuais. Negam a existência de indivíduos que tenham orientação diferente da sua. Essa intolerância nos leva a questão de existir pessoas que demoram a assumir seu real gênero, ou as vezes não assume.

Entretanto, ainda vivemos sob a égide das intolerâncias nas diversas esferas do social, seja sexual, política ou religiosa. Esta última, fundamentada em seus discursos institucionais, reivindicam verdades absolutas e conspiram contra a democratização da vida privada, fazendo com que o projeto de vida própria torna-se restrito e com uma exígua margem de liberdade de opção. (ALVES, 2009, p. 6)

A religião também tem seu papel quando se fala de intolerância. Apesar de vivermos em um país laico, a religião ainda serve como uma ferramenta de opressão, usando justificativas remotas para restringir a sociedade com o ideal de céu e inferno.

[...] a Contra- Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância na penitência- em detrimento, talvez, de alguns outros pecados- [...] (FOUCAULT, 1976, p.23)

Foucault dizia que o que não era regulado para geração, não possuía eira, nem beira, nem lei e nem verbo. “Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-la-ão desaparecer” (FOUCAULT, 1976, p. 10). Podemos entrelaçar o pensamento do Foucault com a sociedade de hoje, censurar o assunto sexualidade com a intenção de interditá-lo, proibi-lo, fazer com que o silêncio geral seja aplicado e isso tudo se deve à repressão, pois ela funciona como condenação do desaparecimento e como injunção ao silêncio e tudo isso para provar que não há nada para dizer, nem ver e nem saber. “Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos do lucro” (FOUCAULT, 1976).

A repreensão moderna da sexualidade se sustenta pelo simples fato de ser fácil de ser dominado. Se nos questionarmos o porquê durante tanto tempo o sexo foi associado ao pecado, voltaremos na questão da religião e o domínio dela. Lembraremos que a repressão é historicamente evidente.

Entender o gênero é compreender a identidade do sujeito, pois o indivíduo é sinônimo de pluralidade e identidade é uma coisa efêmera. O Sociólogo Stuart Hall afirmava que o gênero institui a identidade do sujeito, como a etnia, a classe, ou a nacionalidade. Entende-se que o gênero constitui um sujeito e não apenas empenha um papel. Mas temos que distinguir a identidade sexual e identidade de gênero, visto que ainda se considera que gênero interfere na sexualidade.

A sexualidade, de acordo com Jeffrey Weeks (1993 p.6) “tem tanto a ver com as palavras, as imagens, as palavras, o ritual e a fantasia com o corpo”. O sujeito pode exercer a sexualidade de diferentes formas, vivemos nossos desejos e prazeres corporais. Ou seja, a identidade sexual é formada pela forma de como se vive a sua sexualidade, com parceiros do mesmo sexo, ou do sexo adverso, ou com um parceiro, ou com vários.

No entanto, esses indivíduos têm sua identidade na sociedade, eles se identificam como masculinos, femininos ou não-binários. Um parêntese para explicar o que é o gênero não-binário. “São pessoas que podem se sentir transitando entre os dois gêneros, sem necessariamente estar em um deles”, explica a psiquiatra e educadora sexual Alessandra Diehl (Entrevista para a BBC News Brasil)

De fato, as identidades sexuais e de gênero não são a mesma coisa, mas de certa forma são

inter-relacionadas. A autora do livro “Gênero, sexualidade e educação”, diz que ambas identidades não são dadas ou acabadas num determinado momento, mas sim construídas. Estamos sempre passíveis de transformação, logo as identidades são instáveis também. Não existe um momento fixo onde são dadas as identidades. Não é no nascimento, adolescência ou fase adulta. Deborah Britzman (1996, p.74) afirma:

Nenhuma identidade sexual — mesmo a mais normativa — é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não (grifos da autora).

A questão social é uma pauta de extrema importância quando falamos de gênero, visto que a palavra foi o termo que pesquisadores norte-americanos usaram para poder debater sobre as origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres. Não há uma determinação natural que exige o comportamento do homem e da mulher, existem regras que a sociedade se baseia em supostas determinações biológicas diferencial dos sexos, como mulher na cozinha e homem não pode ajudar em tarefas domésticas.

O gênero está ligado à sexualidade, o que provoca uma dificuldade do senso comum de não conseguir separar a questão da identidade do gênero e a sexualidade. É preciso quebrar esse tabu e entendermos que o gênero não influencia na sexualidade e vice-versa. Uma pessoa transexual tem a liberdade de ser gay ou hétero. Ainda é confuso para umas pessoas, mas o ponto é: uma mulher trans não é obrigada a gostar de homem porque mudou seu gênero, ela tem a opção de ser uma mulher trans e lésbica, mesmo nascendo no corpo de um homem, mas se identificando com o gênero feminino.

O gênero tem a função de determinar o que é social, cultural e historicamente determinado. Vimos que ninguém nasce sozinho, ou seja, há relações sociais desde que nascemos. Sempre que nos referimos ao sexo, agimos de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo. Somos socialmente programados e não biologicamente determinados, a sociedade impõe o que é ser feminino ou masculino. O gênero é mutável, mudamos diariamente o que se é esperado de cada gênero, que infelizmente é relacionado ao sexo biológico.

Temos que modificar a ideia de que gênero é sinônimo de sexo. Existe o gênero e o sexo, quando falamos de sexo, estamos falando do biológico e só existem dois: masculino e feminino. Sexo é o morfológico, onde amparamos o que é ser homem e mulher. Há questões que ficam abertas para discussão como os homossexuais, travestis e transexuais.

Tudo que associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerada papel de gênero. A Antropologia explica que os papéis do gênero mudam de acordo com a cultura de cada sociedade. São poucos as sociedades que fogem de padrões, mas existe uma

tribo matriarcal, chamada Mosuo, ela se situa na China. A descendência é através da linhagem das mulheres, o que não é comum. Homens e mulheres podem ter vários parceiros, as atividades sexuais só ocorrem com o mútuo sentimento. São livres para começar ou interromper um relacionamento.

Os papéis de gênero também mudam na mesma cultura. Enquanto na cidade grande existe um desenvolvimento para que o gênero esteja cada vez mais igualitário, no interior do Brasil ainda existe o machismo na sua forma mais antiquada possível.

De acordo com Louro (2001, p. 24), os papéis do gênero são regras arbitrárias que a sociedade institui para definir o comportamento dos seus membros, partindo das roupas, do modo de se relacionar ou de se portar. Ao aprender sobre os papéis do gênero, cada indivíduo teria conhecimento do que é adequado ou não para um homem e uma mulher e responder a essas expectativas. Apesar de serem frequentes, essa concepção é redutora e simplista.

Sexualidade

De acordo com os autores José M^a Fernández e Marciano Vidal (1998), o termo homossexual surgiu no século XIX, quando um médico húngaro notou a necessidade de uma denominação para as pessoas que possuíam impulso sexual pelo mesmo sexo, infelizmente esse termo possuía o peso clínico e por isso a palavra homossexualidade teve uma conotação pejorativa. A busca por um termo menos clínico, deu início a uma busca de nomes como: Homofilia, homotropia e homoerotismo.

Como foi estudado no primeiro capítulo, as lutas eram de extrema importância para conquista de direitos, mas além disso, os movimentos criaram o termo “gay”, para poderem expressar seu orgulho e fora do conceito clínico.

A origem da palavra é puramente semântica, porém o conceito dela é arbitrário, não é simples conceituar um conjunto de sentimentos e de identidade. Exploraremos alguns conceitos. Denniston (1967. P 12) conceituava a homossexualidade como: “É aquele que em sua vida adulta se sente motivado por uma atração erótica definida e preferencial por pessoas do mesmo sexo e que, de modo habitual, embora não necessariamente, tem relações sexuais com eles”. Essa definição carrega o conceito do desejo, ficando apenas na intenção, visto que praticar essas vontades acarreta ir contra uma ética inventada pela sociedade.

Para Peter Fry e Edward MacRae a homossexualidade é: O que é a homossexualidade?" Esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim, a homossexualidade funciona de uma maneira na Grécia Antiga outra na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guiaiqui do Paraguai. Seguindo essa linha de raciocínio, os autores afirmam: “que a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea.” (FRY, P; MacRae, E. 1985)

Para Foucault (2017), a sexualidade não é um aspecto ou fato natural da vida humana, mas sim uma experiência que é construída e que tem origens históricas, sociais e culturais, mas não possui aspectos biológicos (SPARGO, T. 2017) A sexualidade, como o gênero, parece ser algo que simplesmente surge, porém, pode parecer ser algo especial e pessoal, algo que envolve nossos desejos, como o que queremos, quem nós queremos e o modo que queremos. Entretanto, acreditar que a sexualidade é natural, não quer dizer que ela seja. Porém, Foucault não descartava as dimensões biológicas, mas ele priorizava as questões institucionais e dos discursos na construção da sexualidade.

E por esse motivo, ao invés de perseguir uma verdade ilusória sobre a sexualidade humana, Foucault então decide examinar a sua produção, pois estava mais interessado em como a sexualidade funcionava na sociedade do que saber o que ela é. Foucault afirmou que a homossexualidade moderna é relativamente recente, essa afirmação serve como catalisador para que a teoria queer ⁸se desenvolvesse. Enquanto os historiadores procuravam conexões entre os comportamentos e as identidades gays do século XX e períodos anteriores, Foucault insistia que a categoria homossexual surgiu especificamente no contexto dos anos 1870 e deveria ser vista como a sexualidade geral, uma categoria construída e não como uma identidade descoberta.

Entretanto, Foucault não descartava as relações homossexuais antes do século XIX. Porém, no período renascentista, as práticas sexuais como a sodomia, eram condenadas pela Igreja e proibidas por lei. Então, enquanto no século XVI as pessoas eram conclamadas a confessar que tinham feito práticas sexuais contrárias às leis de Deus, o homem do século XIX que tivesse alguma relação com outro homem, era visto como “homossexual”. Como a questão era de reprodução, a homossexualidade era vista como um problema e tido como aberração em relação à norma da procriação.

Os autores José M e Marciano Vidal (1998) chegaram a duas possíveis conclusões de tipos de homossexualidade e elas são: Os diferentes níveis de atração pelo mesmo sexo ou por diversos estilos de afeminação.

A partir da perspectiva da atração do mesmo sexo, a homossexualidade pode ser dividida em três conceitos (FERNANDEZ, J; VIDAL, M, 1998):

1. *Homossexualidade ou predomínio do sexual*: Nesse indivíduo se dá um predomínio do sexual, corporal, na morfologia do sexo, ou seja, o genital, e isso tudo se traduz no desejo. O belo e o atraente dominam esse tipo de sexualidade, pois não há sentimento e sim o físico da pessoa, então dessa forma, o exterior é de suma importância. Tende a não ter relacionamento com compromisso e ter um companheiro fixo por não querer estabilidade, procura estar no anônimo, ou seja, tudo em quatro paredes. Não há carinho ou algum tipo de intimidade, mas vê seu parceiro como um objeto sexual.
2. *Homoerotismo ou predomínio do anímico-sensual*: Sente atração pelo corpo do parceiro, porém, não busca algo além do físico. É atraído pela força e a delicadeza também, com o intuito de buscar uma personalidade no parceiro. Esse indivíduo busca algo mais do que o

⁸ Em inglês, o termo “queer” pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao “normal” ou a à normalização. A teoria queer não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual. Se a teoria queer é uma escola de pensamento, ela tem uma visão profundamente não ortodoxa de disciplina. O termo descreve uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder social e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos. (SPARGO, T. Foucault e a teoria queer: 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017)

sexo, busca ter uma relação de respeito. Entretanto, mesmo buscando algo a mais do desejo, ele não alcança o núcleo pessoal, mas busca o diferencial no próximo, ama-se o que o outro é, mas não quem.

3. *Homofilia ou predomínio do pessoal anímico-espiritual*: Aqui há o relacionamento de fato, vai além do sexo e dos valores, há o anseio pelo outro completo.

Compreende-se então que a relação homossexual produz o prazer; a homoerótica, alegria; a homofilia, a felicidade. A Homofilia tem aspecto dos dois níveis, em certas ocasiões, porém possui a profundidade que as anteriores não possuem.

No século XIX, a medicina definiu a homossexualidade como doença fisiológica causada por distúrbios, sejam ele biológicos ou genéticos. No século XX:

A psicanálise introduziu a visão psicológica da homossexualidade, visão esta que é menos moralista (Freud, 1935/1951), embora considere a homossexualidade como um distúrbio no desenvolvimento da sexualidade (Freud, 1905/1972) e, portanto, anormal. (LACERDA, M; PEREIRA, C; CAMINO, L, 2002)

De acordo com Lacerda e Pereira (2002), após os primeiros movimentos gay dos anos 60, a Associação Americana de Psicologia afirmou que a homossexualidade não é uma doença psicológica, afirmando a inexistência de problemas psicológicos ligados a homossexualidade. Fernandez e Vidal (1998) apresentam algumas ideias da questão da normalidade ou anormalidade do homossexual. Indagam a questão: O homossexual é anormal? Vejamos algumas definições da palavra normalidade, de acordo com os autores José Fernández e Marciano Vidal (1998):

A normalidade estatística se identifica com a questão da frequência de um fenômeno. Exemplo: Os homens brasileiros têm altura entre 1,65 e 1,70, mas há a “anormalidade” em homens com mais de 1,90. Entretanto, dependendo do meio em que o indivíduo se insere, essa altura faz com que ele seja mais normal do que uma pessoa com 1,65. No basquete, por exemplo, é normal medir 1,90 em diante, o anormal seria ter 1,60 de altura.

Estar dentro do normal estatístico é estar pior e afastar-se do normal, como norma de perfeição: eu preferia sair da norma pela qual está presente em 80% da população e passar a ser um anormal que não tem esse problema com seus molares. (JOSE; MARCIANO, 1998, p. 13)

Entretanto, a *normalidade como perfeição* tem como o “normal” o que deveria ser, porém, falando culturalmente, há povos, como os maias, que consideravam as pessoas com deficiência física como homens superiores, que foram eleitos pelos deuses.

Contudo, a *normalidade clínica* é relacionada com a parte mental. Tanto os homossexuais quanto os heterossexuais estão disposto a ser um doente mental. A diferença é que a heterossexualidade é vista como a norma. “A homossexualidade é uma adaptação bissocial e

psicossexual patológica que se dá como consequência dos profundos temores que acompanham a expressão dos impulsos heterossexuais. ” (I. BIEBER, *Homosexuality: a psychoanalytic study*, Nova Iorque, Basic Books, 1962, p. 220)

Anormalidade ética envolve as funções fisiológicas, está ligada ao orgânico. Um exemplo dessa função seria se o homem se vestisse apenas para se aquecer, ou para não andar pelado, se limitaria a usar roupas apenas para o necessário, tirando todo o valor da moda, do estilo. Ou se o homem comece apenas comidas orgânicas e necessárias para o organismo e aniquilaria a cozinha, um fenômeno típico humano. “O homem, ao estritamente orgânico, acrescenta um “algo mais” que pertence à ordem da relação e do espírito” (VIDAL, Marciano. 1998, p. 15).

Quando se fala de alguma cultura, é preciso apresentar todas suas possíveis formas, ou seja, não se deve achar que apenas uma cultura é certa, ou considerar apenas a cultura que nós conhecemos como a melhor, de fato acontece muito com a cultura Europeia, pois quando se reduz a ela, deixamos de lado outras culturas. Ao falar de cultura, falamos também do fenômeno da homossexualidade.

Em outras palavras, a sexualidade deve ser vista como um fator cultural. Cada cultura seleciona uma das diversas possibilidades. A sexualidade é algo que o homem tem criatividade e onde as diferenças são maiores. Essas diferenças vemos nos detalhes mínimos, como por exemplo: O casamento entre primos. Para alguns, isso é incesto, nojento. Porém, para outros é um matrimônio.

A homossexualidade e as afinidades sexuais são diferentes em cada cultura. Já foi discutido no primeiro capítulo sobre a história da homossexualidade. E nas culturas atuais? Há alguns grupos na sociedade (Sibéria, Koniag e Austrália) que aprovam várias formas de homossexualidade. Por ser típico da cultura, é aceito socialmente. É preciso distinguir a sexualidade masculina e a feminina, o motivo é simples: Em algumas culturas é normal o homem ser transexual.

Na Sibéria, os nômades *chukchees* consideram as pessoas trans como um xamã⁹. Estes se casam com homens héteros. Como o marido é hétero, deve ter, ademais, uma esposa, onde ele pratica a heterossexualidade e possa ter seus descendentes. Há casos em que o xamã tenha relação com uma mulher para ter filhos. Nessa sociedade, há diversos fatores sociais que fazem a conversão para o xamã, por exemplo, o alto preço que se paga para ter uma esposa e a quantidade de homens solteiros por falta de dinheiro. O xamã é visto com alguém enviado por deuses e que é algo involuntário, e por isso há grande respeito por esses indivíduos.

A sociedade Koniag educam seus meninos desde pequenos para desempenhar o papel de mulher. Quando chegam a maior idade, se casam com homens da alta sociedade e desempenham o papel da mulher e o casamento é polígamo. Ou seja, os meninos são transformados em mulheres trans desde pequenos. Esse papel é puramente social, ignorando de fato os conflitos pessoais de

⁹ Sacerdote, feiticeiro dotado de grande poder mágico. (VIDAL *et al.*, 1998, p. 36).

cada um. Ao vermos que homens da alta sociedade estão envolvidos nessa cultura, percebemos que há o patriarcal de forma explícita e como a homossexualidade pode servir para uma cultura de promiscuidade.

A respeito das lésbicas, há poucos dados, uma vez que é uma comunidade menos difundida e mais oculta, além de ser muito sexualizada pelos homens. As mulheres em Aranda, Austrália, se excitam reciprocamente no clitóris. Há culturas em que substituem o pênis, por vegetal ou algum material feito de animais macho.

Do ponto de vista da Antropologia, o máximo a que se pode chegar, normativamente, é a estabelecer que qualquer aspecto cultural se manterá invariável ao longo do tempo, no caso de funcionar harmonicamente com a cultura onde está enraizado, e tenderá a ser substituído por outra resposta, se for disfuncional. Isto não quer dizer que tudo seja bom, todo traço de outra cultura, imitável, ou que a ética ou a moralidade não existam. Quer dizer apenas que a cultura funciona como um todo e que cada cultura se guia por sua ética, que a qualifica em seus comportamentos. (LASSO, Pablo, 1998, p. 39-40)

No que diz respeito à moral das religiões é relacionada com a conduta e elas são reveladas pelos seus fundadores, isso acarreta que a moral religiosa não pode ter relação com a ética cultural ou social. Pois para um ateu, a moral religiosa é apenas valores de uma pessoa, seja ela pastor, padre ou líderes de outras religiões. Entretanto, para um crente, a moral religiosa é a conexão de Deus como mundo, feita por um representante de Deus na terra.

Ainda sobre a questão cultural, podemos citar a homofobia como um fator social, já que unifica vários aspectos, como sociais, culturais e políticos. As reações homofóbicas devem ser vistas como uma atitude política, que tem motivação cultural, por exemplo, quando um casal LGBT¹⁰ sofre uma aversão publicamente, é interpretado como uma contradição política à visibilidade desse grupo que é minoria. Esse preconceito se manifesta como silêncio, posicionamento contrário, negação de igualdade de direito, como o casamento, julgamento moral, como se alguma moral fosse a preferencial ou em exclusões diretas e indiretas.

No caso da religião e as questões sexuais, precisamos entender que há diversos pensamentos em diversas religiões. Nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, é relativamente aceitável as diversidades sexuais. Entretanto, há uma resistência nas religiões católica e evangélica, tendo o pecado como uma estratégia de convencer que a homossexualidade é errada. Porém, essa resistência não impediu que houvesse a criação de “igrejas inclusivas”, que são lideradas por pastores gays ou lésbicas, esse grupo inverte a ideia de que a homossexualidade é um pecado para uma “criação de Deus”. Alguns exemplos: a Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil, a Comunidade Cristã Nova Esperança, a Igreja Cristã Evangelho para Todos, a Comunidade Betel do Rio de Janeiro e a Igreja Cristã Contemporânea. Elas estão localizadas no

¹⁰ 1 A sigla LGBT se refere ao movimento político organizado em torno do direito de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Sua escolha foi votada na I Conferência Nacional LGBT, em 2008 (Facchini; França, 2009).

Ao comentar certos documentos que sustentam repúdio e rejeição ao “homossexualismo”, procuramos realçar o caráter “produtivo” destes. Está se tratando, em última instância, de alguns discursos que dão margem a técnicas de sujeição no meio pastoral, na interação dos fiéis entre si e com a sociedade mais abrangente, podendo impactar a vida dos sujeitos nas esferas pública e privada. Seus autores apresentam-se como porta-vozes ou paladinos de instituições, grupos e valores religiosos que falam em defesa de uma heterossexualidade compulsória. Ao se afirmar a “heterossexualidade” como única e legítima forma de exercício do desejo, confere-se inteligibilidade, importância e materialidade ao “sexo” biológico, tomando diferenças de gênero e subordinações culturalmente constituídas como se fossem “naturais” (Butler, 2003:38-48).

Quando o assunto é vivências da sexualidade envolvendo pessoas com desenvolvimento atípico, percebe-se a carência de investigação voltadas à orientação afetivo-sexual dessas pessoas, principalmente quando foge do padrão heterossexual. Uma questão ainda, há uma problematização quando o assunto é homossexualidade em pessoas com deficiência.

De acordo com Vigotski (1997), aqueles considerados deficientes, por se desenvolverem a partir de padrões não convencionais, são concebidos culturalmente como sujeitos incapazes de viver amplamente em sociedade. Aliada às limitações sociais impostas a essas pessoas, a expressão da sexualidade é uma temática pouco problematizada, pois prevalece a ideia de que os sujeitos com desenvolvimento atípico são infantis e inocentes (incompletos pelo déficit orgânico) e sem uma dinâmica afetivo-sexual (Maia, 2006, 2010; Maia & Ribeiro, 2010; Paula, Regen, & Lopes, 2005; K. Ribeiro, 2011; Sánchez, 2013; entre outros)

A deficiência se torna a característica principal do sujeito, não permitindo a coexistência de atitudes e desejos que fujam da normalidade que é imposta como regra. Além disso, junta-se a esta concepção outros estigmas e preconceitos, como a questão de gênero, orientação sexual, classe, raça, etc.

A própria negação de que as pessoas com deficiência possam ter desejos de ordem homossexual reflete a invisibilidade da sua sexualidade. Se entendermos que essas pessoas são sexuadas como as demais, considerando que a sexualidade é uma característica humana independente da condição de deficiência, também assumimos que elas podem expressar desejos e afetos que fujam dos padrões hegemônicos. Porém, é muito incomum nos estudos da área de educação especial e inclusiva (ou até mesmo nos de diversidade sexual) a referência a pessoas deficientes como sendo gays, lésbicas, transexuais, etc. (ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e homossexuais: a (des)cobertura trajetórias silenciadas. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 607-620, set. 2015)

De acordo com o artigo “Surdos e Homossexuais: A (Des)coberta de Trajetórias Silenciadas”(ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. 2015), o corpo é nosso instrumento de relacionamento, nossa capa de apresentação. É por ele que nós somos percebidos, aprovados e reprovados. Entretanto, quando o

assunto é o corpo do sujeito deficiente, percebe-se que o mesmo sofre de vários tipos de intervenções médicas, fisioterapêuticas e corretivas que, de certa forma, faz com que o erotismo não seja despertado. Nessa conjuntura, temos o surdo, que é caracterizado pela incapacidade natural de audição. “... é representado e se institui como um órgão patológico [ênfase nosso] e esse corpo doente, deficiente, incapacitado, não deve ser pensado, celebrado, antes de sua normalização” (Moreira, 1998, p. 99).

Moreira (1998) diz que as pesquisas feitas com surdos, partiam de um eixo central, o déficit linguístico. A sexualidade era abordada como sinônimo de ato sexual, de reprodução, não aprofundando nas questões como o gênero ou a homossexualidade. Porém, Klein e Formozo (2007) afirmam que as combinações entre as categorias gênero e surdez é um tema novo para a comunidade surda, que tem outros objetivos maiores, como divulgar a Língua de Sinais Brasileira (Libras), como a educação e os acessos à informação. O resultado da marginalização da sexualidade na comunidade surda é a escassez de informação. Não há espaços inclusivos para surdos (com o uso da língua materna deles, a Libras) que busquem tirar dúvidas sobre a sexualidade e as suas várias manifestações. Seguindo essa linha de raciocínio, de acordo com Anderson e Kitchin (2000), a maior dificuldade que uma pessoa com deficiência encontra na vida, quando falamos de sexualidade, é causada pela falta de recursos educacionais (e de outros serviços) que possam esclarecer esse tema.

No artigo “Surdos e Homossexuais: A (Des)coberta de Trajetórias Silenciadas” é realizado um resumo do que se revela nos estudos da área de sexualidade e surdez, tais eles são: A desigualdade na qualidade informativa do material pedagógico apresentado para ouvintes e surdos no ambiente escolar; os surdos entendem os conteúdos sobre sexualidade de forma deturpada, principalmente pela questão da língua e por isso, o assunto homossexualidade é tratada de forma marginalizada, recebendo pouca problematização; Os surdos homossexuais não encontram suporte afetivo, informativo e comunicativo nos ambientes escolares e familiares para tirarem suas dúvidas e serem aceitos pelo o que são.

Silva (2011) com a intenção de analisar como as famílias e os movimentos sociais contribuem para o processo educativo de surdos e surdas homossexuais, escolheu o Grupo de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero (LGBT) Surdo, de Pernambuco, como local para sua pesquisa. Pelas observações dos encontros, foi revelado que os sujeitos eram marginalizados em ambientes escolares e familiares. Essa dinâmica grupal se tornou um espaço propício para a formação humana e acadêmica.

Essas indagações nos fazem refletir sobre a questão da mulher surda lésbica, que sofre o preconceito triplamente. Por ser uma mulher, sofre o machismo, por ser lésbica, sofre a homofobia e por ser surda, sofre preconceito da comunidade ouvinte. Através dessas questões, o próximo capítulo terá entrevistas com mulheres surdas e lésbicas, mostrando sua trajetória e suas dificuldades que foram enfrentadas tanto na família como na sociedade.

3-METODOLOGIA

O capítulo de metodologia tem o propósito de visibilizar os caminhos a serem percorridos para a realização de uma pesquisa, ou um estudo. Para Gerhardt e Silveira (2009) “A metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido para se chegar ao fim proposto pela pesquisa”.

Seguimos com a seguinte questão: Esta pesquisa pretende-se se debruçar sobre a expressão da sexualidade de uma pessoa surda, que fazem parte de uma minoria e muitas vezes não problematizam assuntos voltados às orientações afetivo-sexuais destoantes do padrão heteronormativo. A fim de preencher a carência de pesquisas nessa área, este estudo investiga as narrativas de uma surda sobre as suas experiências com a bissexualidade e o enfrentamento do duplo preconceito; ser surda e bissexual.

Escolhemos a pesquisa qualitativa porque tivemos interesse em pesquisar uma situação singular, então o melhor tipo de pesquisa seria este, retratar a realidade de forma completa e profundamente da nossa entrevista.

3.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa não tem como objetivo a representatividade numérica, mas sim compreender um fenômeno. Esse tipo de pesquisa responde a questões mais particulares, e tem preocupação com um nível de realidade que não pode ser quantificado, isto é, ela trabalha com motivos, crenças, valores e atitudes, o que reflete um espaço profundo das relações. A respeito da pesquisa qualitativa, Goldenberg (1997, p.17) dizia:

“Nesta perspectiva, na qual o objeto das ciências sociais deve ser estudado tal qual o das ciências físicas, a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”.

Quando escolhemos a pesquisa qualitativa, buscamos descrever, compreender e explicar as questões relacionadas com a sexualidade e a surdez da pessoa entrevistada, sem quantificar os valores e sem submeter à prova de fatos, já que os dados são não-métricos.

A pesquisa qualitativa tem as seguintes características, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009): objetivação do fenômeno; compreender, explicar, precisão das relações entre o geral e o local em determinado fenômeno; identificar as diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais legítimos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas ciências.

Esse tipo de pesquisa busca compreender o conhecimento como produção e não uma linearidade de uma realidade, por esse motivo, foi escolhido para este estudo, visto que o nosso ponto de partida é que as identidades não são fixas. Para Abreu (2015) as identidades são sempre construídas, se caracterizando em formatos instáveis e podendo sofrer transformações ao longo do desenvolvimento ontogenéticos.

Britzman (1996) afirma que toda identidade sexual é um constructo instável, mutável, e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada, portanto a pesquisa qualitativa é a mais adequada no que se refere aos meus objetivos com este trabalho.

3.2 Estudo de caso

O procedimento escolhido para este trabalho é o estudo de caso, que se refere a uma análise detalhada de um caso específico e individual, que explica a dinâmica do assunto. Supõem-se que desse modo adquirimos conhecimento do fenômeno explorado de forma intensa. Esse método se tornou uma das principais modalidades qualitativas em Ciências Sociais. Goldenberg (1997) caracterizava o estudo de caso como uma análise holística, o mais completa possível, ou seja, considera a unidade social estudada como um todo, podendo ser um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

Como nosso objetivo é compreender as experiências do sujeito, não interviremos sobre o objeto a ser estudado, mas revelaremos tal como ele o percebe. “O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador” (FONSECA, 2002, p. 33).

A intenção desse trabalho, assim, é reunir informações a partir da perspectiva da pessoa surda, com o objetivo de descrever a complexidade das experiências vividas pelo nosso sujeito no que diz respeito à sexualidade e a surdez, através de uma pesquisa sobre a realidade social e emocional do entrevistado, sem seguir por análise estatística. A intenção é compreendermos como o sujeito lida com as questões referentes à identidade surda e de gênero.

3.3 Instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa é o que o pesquisador utiliza para obter os dados, como questionários, entrevistas e observações. Como instrumento desta pesquisa, escolhemos a entrevista. Essa estratégia serve para nos encontrarmos com os dados, oralmente ou por escrito. É o momento de interação entre o pesquisador e o(s) informante(s). Entrevista privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas

de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representação de determinados grupos. (MINAYO, 1994)

Nesse sentido, optamos pela entrevista semi-estruturada, pois possibilita ao informante discorrer sobre suas experiências, a partir de um foco principal, mas com flexibilidade para complementações. Este instrumento permite que as respostas sejam livres e espontâneas, ou seja, as respostas não ficam restritas apenas às perguntas, permiti-se que o sujeito tenha liberdade para complementações e revisões. Dessa forma, tínhamos um roteiro para encaminhar a entrevista, porém, diversas vezes a entrevistada complementava a resposta além de nossa pergunta.

3.3.1 Entrevista semi-estruturada

De acordo com Trivinos (1990, p. 146): “Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as repostas do informante”. Normalmente a pesquisa semi-estruturada tem poucas perguntas, mas o pesquisador precisa explorar o máximo das perguntas para poder seguir em diante. As perguntas gerais vão se tornando respostas específicas. Para Duarte (2005, p. 3):

O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.

A entrevista foi feita via Skype e foi realizada em Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como as respostas emitidas pela entrevistada, no entanto foi feita tradução simultânea para a Língua portuguesa, a fim de facilitar o processo de escrita.

3.4 Sujeito pesquisado

Heloisa¹¹ é uma pessoa do sexo feminino, bissexual, que possui 29 anos, de cor branca, solteira, com ensino superior completo, surdez profunda, usa prótese, mora em Brasília, em um bairro de grande valor aquisitivo. Adora animais, tem irmãos, é apaixonada por fotografia, ama cantar e será o caso no qual iremos nos apoiar para refletir sobre as questões relacionadas a sexualidade e a surdez.

A surdez para ela é uma questão bem resolvida, participa de associações para surdos é falante da língua de sinais. Deixa claro que seu lugar é na comunidade surda, não enfrentou questões enquanto a isso.

Ela se considera bissexual, ou seja, sente atração por mulheres e homens, mas durante as

¹¹ Nome fictício dado à entrevistada.

complementações da entrevista, declarou que quando envolve sentimentos só se sente assim por homens, enquanto por mulheres foi mais desejo sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Perfil do Sujeito

A primeira coisa que se quis saber foi em relação a qual comunidade ela estaria vinculada e a mesma respondeu que:

“Associação de surdos... eu frequento qualquer associação de surdos, mas eu gosto mais das associações desportivas. Eu fico procurando onde tem surdos que praticam esportes. Quando tem evento promovido por alguma associação aí eu gosto de ir e participar”.¹²

Ser integrante de uma comunidade, seja ela qual for, fortalece o sujeito como ser social, identitário e subjetivo. No caso das pessoas surdas, a associação se apresenta como ponto de resistência, na qual ser surdo não é visto como doença e a comunicação se dá exclusivamente por meio da língua de sinais. Nas associações, as pessoas surdas podem ser elas mesmas, sem influências ouvintistas ou adaptações a um mundo ouvinte, o qual não lhes pertence. No caso da entrevistada, além de ser parte integrante de uma associação de surdos, ela enfatiza o gosto pelo esporte. Um dos vínculos mais acentuados da comunidade surda diz respeito ao esporte. Aqui no Brasil temos Confederação Brasileira de Desporto de Surdo e mais associações desportivas em cada estado brasileiro, em Brasília, por exemplo, temos a Federação Brasiliense desportiva dos surdos.

Dessa forma, a importância da comunidade associativa é fundamental para qualquer grupo. No âmbito da comunidade LGBT o fortalecimento de suas especificidades deve ocorrer em um meio social onde a sexualidade deve ser vista como um fator cultural.

Ao responder que participava de associação, afunilei as opções para saber se o sujeito tinha algum vínculo com a comunidade LGBT e ela afirmou:

“Frequento a comunidade surda, não frequento comunidade LGBT não.”

O artigo “Surdos e Homossexuais: A (Des)coberta de Trajetórias Silenciadas”, revela que as informações sobre sexualidade chegam de forma deturpada aos surdos, por conta, principalmente, da língua. Ou seja, esse assunto é tratado de forma marginalizada ou até mesmo estereotipada, não recebendo toda problematização necessária que o assunto requer. Nesse sentido, a fala da entrevistada a seguir mostra como a dificuldade com o tema é internalizado quando perguntamos sobre instituições que contribuíam para o entendimento da homossexualidade:

“Sim, mas eu nunca frequentei. Há muito muito tempo eu fui convidada para uma palestra, mas eu não me senti à vontade para participar dessa palestra não, eu não quis ir. Eu

¹² A entrevista foi realizada em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e traduzida simultaneamente para a Língua Portuguesa por minha orientadora, que é fluente em Libras e professora da disciplina Escolarização de Surdos e Libras, na Faculdade de Educação/UnB.

achei muito forte lá a questão da homossexualidade, parece que puro, muito forte, tudo muito voltado só para questão da homossexualidade, um mundo próprio homossexual, não é exatamente como eu me sentia. Eu acho que a pessoa tem que ser livre, participar de diferentes contextos. Eu sei que cada um tem sua identidade, eu respeito o jeito de cada um, mas a palestra só tinha um jeito: Homossexual. Eu não me senti à vontade de participar, gosto de ser natural, de ficar à vontade, nada com imposições”.

A primeira questão que nos chama atenção é a falta de vontade da entrevistada em continuar em uma palestra voltada para o público LGBT, o que nos leva a pensar que isto se dá pelo fato de que a comunidade LGBT não consegue adentrar na comunidade surda, pela questão linguística, conforme Abreu (2015). Pois, nesses contextos não há acessibilidade para surdos, não há intérpretes de Libras. Isso dificulta a informação e percebemos, mais uma vez, a dificuldade da entrevistada com o tema.

Por outro lado, essa resistência com o tema pode também está ligada a um outro fator: social. Como é que esse assunto é visto e representado pela comunidade surda? De que forma ela teve acesso as informações a respeito da sexualidade? Não só do ponto de vista linguístico, que é fundamental, principalmente no caso dos surdos, mas de qual perspectiva? Para Moreira (2010), a sexualidade dos surdos ainda é tratada na perspectiva biológicofuncional, de forma prescritiva e reguladora, em que os sujeitos são referidos como incapazes de receber informações e experimentar relações afetivas e eróticas no seu cotidiano.

Que sofrimentos com relação ao enfoque dado pela família, igreja, escola, amigos, comunidade surda, acrescentaram a este sujeito dificuldades no enfrentamento do preconceito contra as questões de gênero? Como o próprio sujeito se vê diante de sua diferença sexual?

Em síntese, não é fácil conversar sobre temas considerados ainda em nossa sociedade, tabus, controversos. Mesmo quando eles gozam de certa autoridade no assunto, como é o caso de uma comunidade LGBT, os impactos emocionais ainda podem interferir na disponibilidade do sujeito para aderir ao que está sendo dito ou para sentir-se à vontade com o assunto, ainda mais se a temática não tiver acessível em Libras.

Além disso, é importante ressaltar que a entrevistada se denomina bissexual e que essa comunidade sofre duplamente preconceitos relacionados às questões de gênero. No caso estudado, a pessoa enfrenta obstáculos sociais, tanto por ser bissexual, quanto por ser surda, o que influencia, sem dúvida, a sua relação com o mundo “Dessa forma pretendeu-se analisar de que modo a discriminação interseccional se configura no caso dos sujeitos surdos(as), a fim de trazer à tona as especificidades de sobreposição de vulnerabilidades a que estão submetidos, assim como, da invisibilidade e subordinação destes nas comunidades, nos movimentos e principalmente nas políticas públicas” (BUZAR, 2015). A literatura já aponta o quanto a comunidade homossexual sofre, imagina uma bissexual, que precisa lidar com as desconfianças tanto da comunidade heterossexual, quanto da própria comunidade LGBT, por ser considerado

muitas vezes indeciso e não ter sua sexualidade como qualquer outra.

2. Sexualidade e Surdez

Ao adentrar mais a fundo no assunto referente à comunidade LGBT, questionamos como ela percebeu sua sexualidade, se tinha acontecido algo específico ou se foi percebendo um desejo natural por pessoas do mesmo sexo. Ela respondeu:

“Foi natural, desde pequena eu percebi isso, sentia desejo e paixão por pessoa do mesmo sexo, tinha mais ou menos 6/7 anos e depois me apaixonei muito forte, mas ainda não encontrei ninguém”. Acrescentou posteriormente: *“Só namorei pessoas surdas”*.

Apesar de ser algo que, na maioria das vezes a literatura aponta, é complicado, para ela foi natural. Não houve imposições ou traumas, pois ela se percebia atraída por pessoas do mesmo sexo desde a infância. Porém, com frequência se perceber não é simples assim. Ela geralmente é seguida de dramáticas tensões, as vezes rompendo laços de solidariedade que a família tende a amarrar. Dessa forma, cria-se uma “operação de suspense”, como afirma Sedgwick (2007), apontando a imprecisão do que estar “por vir” depois da “revelação”.

Percebe-se na fala a naturalidade de como ela lidou com essa situação, o que para os adultos é complicado de aceitar, para ela que era apenas uma criança, foi espontâneo o desejo.

A entrevistada afirma que ainda não encontrou nenhum parceiro. Essa situação pode se dar tanto pela questão linguística ou por meio da própria dificuldade que uma pessoa bissexual tem em encontrar um relacionamento, por ser considerado indecisos. “A pessoa que se “intitula” bissexual sofre preconceito tanto de um homo quanto de heterossexuais, sendo taxadas como “não-resolvidas”, de estarem “em cima do muro. Rótulos que expressam uma indecisão e, conseqüentemente, uma suposta falha de caráter”. (CAVALCANTI, 2007). Nos parece que a questão linguística é um fator preponderante, considerando que ela afirmou ter namorado somente com pessoas surdas.

Questionamos também a entrevistada a respeito da reação de sua família diante do fato de descobrirem que a filha era bissexual. E ela respondeu:

“A minha família já me entende um pouco e sabe o que eu sou. Aceita, minha família é feliz comigo, nunca me impôs nada, nunca disse o que tinha que fazer, que eu sou ruim. Gostam de mim do jeito que eu sou.”

Apesar da resposta da entrevistada, pesquisas mostram que a descoberta da homossexualidade, acreditamos também que a bissexualidade, muitas vezes são acompanhadas de experiências frustradas que se implantam na relação filho e família, então por isso há uma certa dificuldade em se assumir. Agressões, ameaças, entre outros tipos de violência compartilham a intolerância, a frustração e os medos desses familiares. Porém, as vezes “essa dificuldade também pode estar relacionada ao fato de os próprios pais ou outros membros da família não se sentirem

à vontade ou capazes de lidar com seus próprios medos ou “demônios” ligados a temas mais íntimos, como sexualidade, por exemplo. (SARTIT, 2004).

No entanto, após a resposta inicial sobre a reação da família diante de suas diferenças sexuais, a entrevistada acrescentou espontaneamente que já levou namorada para sua casa, mas apresentou-a como uma amiga. O que nos leva a pensar que a suposta aceitação por parte da família da bissexualidade da filha, pode ser parcial, isto é, os pais sabem, podem até entender, mas não gostam da aproximação.

Então, depois dessa resposta, despertou-nos a curiosidade de saber se ela já havia namorado uma menina:

“Já, primeira namorada, aliás, foi ano passado. A maioria eu só fiquei, também já fiquei com amigas, já me apaixonei, algumas amigas já se apaixonaram por mim, outros eu não queria, outros me queriam, outros me diziam que me achavam bonita e se apaixonava, depois eu fugi de muitos relacionamentos, mas depois eu namorei, fiquei um mês com uma pessoa, mas o relacionamento era abusivo, o namorado era muito difícil e comparando a questão do relacionamento com homem e com a mulher. O homem parece que não está nem aí, mas a mulher parece mais carinhosa, então por exemplo: parece que ela se sente mais identificada porque ela também é mulher. Então, mas tem problemas também, tem as brigas, mas o principal problema no relacionamento surdo homossexual é a falta de comunicação, são os problemas de comunicação também com ele e a pessoa que ela tá namorando. Eu já me apaixonei, mas amor, amor mesmo é raro. Então as vezes eu pensei que a pessoa era muito nova, então eu me coloquei no lugar daquela pessoa, que é difícil, então. Amor, amor mesmo é raro, o que acontece mais é paixão. A gente tem que ter cuidado com nosso coração né? Porque coração também pode ser relação de poder, então as vezes eu dou um tempo e penso mais em mim para me fortalecer a mente e aí que eu busco me relacionar com essas pessoas, é importante relacionamento, mas eu sou muito sensível, eu tenho muitos problemas, então eu tenho que ter cuidado, aprender, compreender sobre essas pessoas, se ela me aceita, se ela é inteligente. Perceber que a maioria das pessoas inteligentes são capazes de sentir emoção ou se são frias, então vai depender muito da gente. Mas amor, amor mesmo é raro. É minha experiência é essa aí.”

É perceptível pela resposta dada pela entrevistada a dificuldade em se relacionar, o sujeito repete várias vezes que nunca amou, que sempre foi só paixão. Cita também os problemas emocionais que tem em relação aos relacionamentos. Na pesquisa feita por Glat (2004), concluiu-se que os interesses dos jovens surdos são iguais aos dos demais jovens, tais como namoro, afetos e relações sexuais.

Pelo o que acompanhamos da resposta, a entrevistada se interessou por várias pessoas e foi desejada por várias outras, mas nem sempre o encontro que sustenta um relacionamento foi possível, inclusive, entre as várias coisas que se destacam em seu relato, a questão sobre os relacionamentos abusivos é apontada. E fica evidente que o relacionamento abusivo, infelizmente,

não é unanimidade dos relacionamentos heterossexuais. Para Miller (1999), o relacionamento abusivo é diferente do sadismo, pois não está no prazer, mas sim na necessidade de controlar. Os abusadores não consideram suas atitudes como abusivas, para eles é uma maneira natural de um relacionamento. Normalmente não há culpa, o agressor manipula a vítima fazendo-a pensar que é culpada, e por achar que é causadora, ela tenta agradá-lo mais.

O agressor manipula a vítima fazendo-a pensar que é culpada, e, como resultado, ela tenta agradá-lo cada vez mais. Durante muito tempo, ele a faz acreditar que as coisas vão melhorar concedendo-lhe momentos ocasionais de concórdia, mas, depois de algum tempo, deixa apenas a incessante dor da esperança.

Ainda no quesito sobre relacionamentos, a entrevistada acrescentou:

“Eu já namorei, a maioria dos meus relacionamentos foram abusivos. Eles são ciumentos, controladores, as vezes batem, já aconteceu várias vezes e eu também brigo com eles, então a gente já terminou várias vezes, então geralmente eu prefiro ficar solteira do que sofrer um relacionamento abusivo, mas depende também. Às vezes eu já arranjei outra pessoa para namorar e eu fui vendo primeiro, conhecendo mais a pessoa para depois namorar, evitando assim um relacionamento abusivo. Essa experiência para mim não é muito boa, então eu tenho avaliado um pouco mais de acordo com meus sentimentos”.

No que se diz respeito à reação da comunidade surda sobre sua sexualidade e sobre a possibilidade de sentir-se acolhida nas diferentes comunidades, a entrevistada afirmou:

“Aqui em Brasília tem muita gente igual a mim, eles veem isso, já estão acostumados. Aqui em Brasília tem um número muito grande de pessoas, o DF é muito pequeno, é um quadradinho. Os surdos todos se conhecem, todos sabem da vida de cada um, não me falaram nada. Não, nunca recebi nenhum acolhimento, nunca vi nada disso, ninguém nunca me acolheu. A sociedade interagindo é um movimento, mas também nunca tive grandes problemas com ninguém nesse sentido. ”

Pela resposta da entrevistada, fica nítido que as questões de gênero (homossexualidade, bissexualidade, entre outras) é algo comum dentro da comunidade surda também, e que todos se conhecem por Brasília ser muito pequena e a comunidade surda também. No entanto, de acordo com a sua fala, apesar de que a comunidade surda é conhecedora de sua sexualidade, percebe-se um silêncio diante desse assunto. Conforme Buzar, (2012, p 26):

“Sendo assim, dentro da comunidade surda encontram-se outros grupos que além de sofrerem preconceitos e discriminações semelhantes aos (as) demais surdos (as), como por exemplo, no que diz respeito ao acesso às informações na sua língua, obstáculos em uma educação oralista, imposições de modelos ouvintistas, deparam-se com situações de estigma, preconceito e discriminação por terem a cor da pele diferente dos (as) demais surdos (as)”.

Compreendemos que os direitos dos surdos ficam voltados apenas para a deficiência, não

incluindo experiências importantes. São poucos os trabalhos desenvolvidos nas questões da sexualidade, prejudicando os surdos, pois o avanço relacionado às situações que envolve esse assunto acaba sendo lento. A sexualidade se torna um assunto esquecido e silenciado, inclusive dentro da própria comunidade surda.

Os surdos homossexuais vivem a condição de (dupla) subalternidade social, preferindo esconder a orientação sexual como forma de manter sua segurança e resguardar-se perante o olhar da comunidade surda. Há um temor confesso de que a sua homossexualidade seja descoberta, o que traz prejuízos sociais e psicológicos. (ABREU; SILVA; ZUCHIWSCHI, 2015)

Sendo assim, a comunidade surda não reage diferente da comunidade ouvinte, porém o surdo sofre preconceito duplamente, de ambas comunidades. E como na comunidade surda não há informação suficiente para a compreensão e reconhecimento da temática, o sujeito acaba tendo prejuízos tanto sociais, quanto emocionais.

Após a discussão sobre a reação da comunidade surda, perguntou-se se o sujeito já sofreu preconceito dentro da comunidade surda por ser bissexual:

“Sim, porque eu sou assim e os surdos são muito preconceituosos, não pelo fato de eu ser bissexual, mas as vezes já sofri preconceito de ouvinte por conta da questão de ser surda e usar língua de sinais e na comunidade surda também tem discussão. Eu lembro que sempre me provocavam, sofria bullying dentro da própria comunidade surda. Hoje tenho vários amigos que me apoiam, que me dão conforto, mas antes eu não conhecia, não compreendia muito a minha situação também, então eu sofri mais preconceito e bullying dentro da própria comunidade”.

Apesar da entrevistada afirmar inicialmente que as pessoas surdas são muito preconceituosas, rapidamente ela correlaciona o que está dizendo com o preconceito encontrado nas relações entre ouvinte e surdo, ela não associa diretamente com a bissexualidade. Nos parece que a resposta se apresenta de forma camuflada, isto é, ela está falando de sofrimento, de preconceito, de bullying, que pode estar se referindo tanto ao fato de ser surda, quanto ao fato de ser bissexual. Mas, apesar de deixar explícito em alguns momentos de sua fala, o que destaca e sobre o que é possível falar é sobre o fato de ser surda. . Nos parece mais uma vez que o silêncio da comunidade surda a respeito das questões de gênero influencia até mesmo o sujeito que experimenta uma sexualidade fora dos padrões ditos normais, pois nem o sujeito associa o seu sofrimento com a sexualidade. Um silêncio travestido de intolerância, pois a entrevistada admitiu em seguida a seguinte situação:

“Maioria dos surdos fazem fofoca, por exemplo: olha ali, olha ali como ela é. Falam bobagens, mas surdo precisa saber que não é questão de fofoca, eles não conhecem minha vida, então o preconceito não é bom para mim. Então muitas vezes por traz eu sei que fazem várias fofocas, falam de mim, que faz segredo, mas eu tenho minha própria individualidade, meu jeito próprio de ser.”

A fofoca tem se apresentado na comunidade surda como forma de criação, intolerância com

a diferença e ludicidade. Buzar estudou a fofoca na comunidade surda do Maranhão e identificou que:

“A fofoca na comunidade surda, assim, se configura pelo visual, VER é o parâmetro de verdade. Ou seja, basta ver algo suspeito, para já dar provas de sua confirmação. Por outro lado, como diz o meu amigo Telasco, diretor adjunto do CAS: o surdo precisa de novidades, porque não tem acesso a informações como os ouvintes, portanto inventa, cria as fofocas”

A fala da entrevistada sobre sofrer alguma discriminação, demonstra como a cultura surda é visual e como essa percepção influencia suas interações com o mundo, inclusive por meio da fofoca.

Quando afunilamos a questão do preconceito, questionamos se na área do mercado de trabalho houve algum tipo de discriminação por ela ser surda ou bissexual:

“Pela bissexualidade não, mas pela surdez, sim. Já sofri preconceito no mercado de trabalho, uma vez um homem foi lá no meu trabalho e falou com o meu namorado e brigaram, já tive problema dentro da empresa, briga, já fui demitida. Então já aconteceu problema mais por conta da surdez”.

Com relação a essa questão, Buzar (2012, p.81) afirma: “No setor do mercado de trabalho, as iniciativas são ainda bastante tímidas. Mas, vale destacar ações do Ministério Público do Trabalho (MPT), que criou em 2002 a *Coordenadoria Nacional de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Eliminação da Discriminação no Trabalho*, com o fim de desenvolver uma frente interinstitucional contra a discriminação no trabalho. Em 2005, esta coordenadoria criou o *Programa de Promoção da Igualdade de Oportunidades para Todos*, buscando combater a discriminação racial e de gênero no mercado de trabalho”.

Apesar do avanço ocorrido nas políticas públicas conforme dito anteriormente, percebe-se pela fala do sujeito que esses programas não são tão efetivos, já que a entrevistada reclamou sobre sofrer discriminação no mercado, chegando mesmo a ser demitida.

E por fim, questionamos se ela já tinha sofrido algum tipo de violência física ou simbólica por conta da bissexualidade. E ela afirmou:

“Não, nunca aconteceu comigo não, nada disso, não”.

De acordo com a entrevistada, ela não sofreu nenhum tipo de violência. O que nos leva a pensar que a percepção universalista, isto é, homogênea sobre o outro, como vimos em Buzar (2014), também pode influenciar inclusive a homofobia, fato infelizmente muito decorrente no Brasil, marcadamente violento, mas que parece não atingir muito as pessoas surdas, pois a questão da surdez e a forma de comunicação por língua de sinais, tende a se sobrepor sobre as diferenças de gênero. Nesse sentido, para Abreu (2015) a homofobia se materializa e se define por atitudes

de hostilidade, manifestada por meio de violência física e simbólica, àqueles que transgridem as vias hegemônicas de manifestação do gênero e da sexualidade, atingindo principalmente os homossexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, compreendi o quão é difícil para os surdos lidarem com o tema da homossexualidade. Um dos aspectos pode ser pelo fato de que as informações a respeito, não chegam de forma acessível a eles. Nesse sentido, destaco a questão linguística como fundamental, considerando que é pela língua que as informações chegam. A experiência com esse tema não foi nada fácil para mim. Para os ouvintes, que possuem acesso a informação, esse tema ainda é um tabu, imagina para a comunidade surda, que ainda enfrenta falta de acesso na comunicação. Por outro lado, compreendi que a problemática vai além de uma questão linguística, pois reflete também aspectos culturais frente a situações tão diversas.

E por ser um tema com um teor de complexidade grande, tivemos muita dificuldade inicialmente, uma vez que a ideia era pesquisar sobre mulheres surdas homossexuais, ou seja, meu objetivo era entrevistar várias surdas, para entender de forma geral como era a sexualidade para elas. No entanto, apesar de ter recebido indicação de pessoas da própria comunidade surda, quando convidei as mulheres para a entrevista, recebi vários “não”, com a justificativa de que não eram mais homossexuais, agora eram da igreja, que essa parte da vida delas havia ficado para trás, que agora seguiam os conselhos da família, etc. Como se estivessem se referindo a um ato pecaminoso ou que desonrasse a família.

Foi nesse momento que nos demos conta de quanto esse tema ainda é complicado para a comunidade surda, então decidimos fazer um estudo de caso, para entender apenas um sujeito com uma especificidade com relação a questão de gênero, que é a bissexualidade. Mas, nosso enfoque ficou na relação entre a bissexualidade e a surdez.

Os pontos principais desta pesquisa foram as questões sobre como o sujeito surdo lida com sua sexualidade e quais as dificuldades enfrentadas por essa comunidade quando esse assunto é comentado.

Pelo relato da entrevistada, depreende-se que ela não participa de nenhuma instituição LGBT, a nosso ver isso se dá pela ausência de trabalhos voltados para surdo nessa área. Porém, precisamos entender que essa falta de acesso não é responsabilidade apenas da instituição, mas precisamos compreender o sofrimento desses sujeitos de uma forma mais ampla, e implicar nessa situação a família, igreja, escola, amigos e comunidade surda. É importante a presença desses meios sociais para que o sujeito possa ter uma construção de identidade e lidar com sua própria sexualidade.

Além disso, vimos que a entrevistada está muito presente na comunidade surda, seus amigos estão nela, ela participa de associações, principalmente as ligadas ao esporte. Nesse sentido, observa-se que ela é bem resolvida com a questão da surdez, porque seu meio incentiva

o fortalecimento dessa identidade. Agora precisa-se trabalhar também com outra identidade, a de gênero, o que é bastante complicado, pois pelos resultados vimos que as informações a respeito desse tema chegam de forma desvirtuadas e certamente existe a barreira da língua, mas percebe-se que ainda há também uma questão cultural por parte da comunidade surda.

A questão é que nem as comunidades ou instituições ligadas à temática LGBT conseguem integrar as pessoas homossexuais ou bissexuais surdas. E nem a comunidade surda consegue absorver esta temática, como mais uma luta dentro de seus enfrentamentos contra o preconceito na sociedade, apesar da entrevistada ter afirmado que a homossexualidade é algo bastante comum na comunidade surda.

Sabe-se de algumas iniciativas, ainda bastante tímidas, com relação à homossexualidade surda aqui no Brasil, inclusive no DF, mas a entrevistada, por exemplo, não as citou e nem afirmou que as frequenta. O que é fato é que o tema da homossexualidade e surdez precisa adentrar urgentemente tanto na bandeira de lutas da comunidade LGBT, quanto na comunidade surda, para o fim da marginalização desse tema, considerando-se que estes sujeitos sofrem preconceito duplamente, por serem surdos e por serem bissexuais, e que percebeu-se durante a entrevista a dificuldade que o sujeito teve de lidar com esse tema, apesar de estar falando de si, precisando “camuflá-lo” algumas vezes”.

Por fim, a temática trabalhada por esta pesquisa, é de suma importância para o campo acadêmico. A universidade é um espaço onde há produção de conhecimentos influenciados pelas lutas sociais e professores e alunos que participam dessa luta que percebem que não há respostas a inúmeros questionamentos desses movimentos sociais. Desse tipo de questionamento surgem disciplinas e trabalhos, hoje temos várias disciplinas de diversos movimentos sociais na universidade, abordando o feminismo, a comunidade LGBT e etc. Por exemplo, no departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), encontra-se a disciplina de “Filosofia e Feminismo”. No departamento de Estudos avançados e multidisciplinares, temos a disciplina de “Pensamento LGBT brasileiro”. Em outras palavras: Há luta na universidade e não balbúrdia!

REFERÊNCIAS

- GROSSI, M. A identidade do gênero e sexualidade. Santa Catarina. 2015
- TAQUETTE, S. Organizadora-Violência contra a mulher adolescente-jovem – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2007.
- FOUCAULT, M. .História da sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- OLIVEIRA, F. Mutilção genital feminina: cultura ou crime? Portugal. 2012
- DIETER, Cristina Ternes, as raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional. Porto Alegre. 2012.
- FRY, Peter e MAC RAE, Edward. O que é homossexualidade?. São Paulo.1983. Brasiliense.
- NATIVIDADE, Marcelo., DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana [en linea]. 2009, (2), 121-161[fecha de Consulta 9 de Diciembre de 2019]. ISSN
- VIDAL, M. Homossexualidade: Ciência e consciência. São Paulo. 1985. Edições Loyola
- LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista- Petrópolis, RJ: Vozes, 1997
- MISKOLCI, R. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças- Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003
- SPARGO, Tamsin. Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares. Tradução: Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique; ZUCHIWSCHI, José. Surdos e homossexuais: a (des)cobertura de trajetórias silenciadas. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 23, n. 3, p. 607-620, set. 2015
- BUZAR, Francisco. **interseccionalidade entre raça e surdez**: a situação de surdos (as) negros (as) em são luís-ma. Brasília. 2015
- ABREU, Fabrício. Experiências linguísticas e sexuais não hegemônicas: um estudo das narrativas de surdos homossexuais. Brasília. 2015
- CAVALCANTI, Camila. Visíveis e invisíveis: Práticas e identidades bissexual. Recife. 2007
- PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, 2018, Volume XX no 2, 9-25
- BUZAR, Francisco. **ENTRE SINAIS E PALAVRAS**: a invenção da surdez em São Luís-MA.

São Luís. 2005

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Rio Grande do Sul. 2009

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIMA, Maria Alice; ALMEIDA, Maria Cecilia; LIMA, Cristiane. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. Porto Alegre. 1999

Apêndice

1) Nome:

Idade:

Gênero:

Idade : () 18 a 21 anos

() 22 a 25 anos

() 26 a 30 anos

() 31 a 36 anos

Cor: Branca (); Indígena (); Parda (); Negra ()

Estado Civil: Solteira (); Em um relacionamento sério (); Noiva (); Casada (); Viúva ();

Escolarização: Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo ()

Ensino médio incompleto () Ensino médio completo ()

Ensino superior incompleto () Ensino superior completo ()

Tipos de surdez: Leve (); Moderado (); Profundo ()

Participa de alguma associação: Sim (); Não (). Se sim, qual?

Qual comunidade está vinculada?

2) Sexualidade e Surdez;

Como você se descobriu? Aconteceu algum fato específico? Ou foi percebendo naturalmente um desejo por pessoas do mesmo sexo?

Qual foi a reação da família diante do fato de descobrirem que a filha é bissexual?

E a comunidade surda como reagiu? Onde sentiu-se acolhida?

Existem locais e/ou instituições que contribuíram com a compreensão da bissexualidade?

Já sofreu algum preconceito dentro da comunidade surda por ser bissexual ? De que tipo?

3) Medicalização da surdez e atitudes corretivas com relação à homossexualidade.

Já sofreu algum tipo de violência física ou simbólica por conta da bissexualidade?

Já fez implante ou usa prótese?

Como se relaciona com o fato de ser surda? Se aceita ou não?

Já sofreu preconceito por ser surda ou por ser bissexual? Ou por ambos?

Na escola ou trabalho, não conseguiu emprego por ser bissexual? Sofreu bullying na escola?

Como você se vê como bissexual? Se aceita ou sente alguma recolta?

Tem algo que você gostaria de acrescentar com relação a esse tema?

PERSPECTIVAS FUTURAS

Quando entrei na UnB, não tive uma paixão de primeira, a literatura era diferente do que eu pensava, a linguística foi a área que, até então, seria minha escolhida. Porém, não estava totalmente satisfeita, não me sentia completa. Foi quando me encontrei na área da surdez e não pretendo parar. Pretendo fazer a graduação de libras ano que vem para aprimorar meus conhecimentos na área

Eu tenho certeza que o concurso que eu desejo é o da secretaria de educação do DF. Não pensava em pós-graduação porque nunca me senti inteligente para isso. Mas esse TCC me fez ter vontade de continuar com esse tema, acho que não explorei o suficiente. Espero me tornar referência nesse assunto, só falta a professora Edeilce entrar para a pós.